

## METODOLOGIAS ATIVAS: ORIGEM, CARACTERÍSTICAS, POTENCIALIDADES, LIMITAÇÕES E RELAÇÕES POSSÍVEIS

Alexandre José de Carvalho Silva<sup>1,2</sup>, Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz<sup>1,3</sup>, Warley Ferreira Sahb<sup>1,4</sup>, Cláudia Maria Carvalho Silva Costa<sup>1,5</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem o objetivo de apresentar conceitos, possibilidades e limitações do uso de metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem. Com base numa metodologia descritiva propôs-se responder às questões básicas sobre a temática e, ainda, apresentar alternativas que podem ser adequadas a diferentes contextos educacionais e se enquadrar da educação básica à superior. Também se discutiu a relação entre ensino híbrido e as metodologias ativas para evidenciar a necessidade de adoção de concepções formativas e reflexivas de avaliação condizentes com os pressupostos, por vezes, objetivados com a utilização de metodologias ativas na prática ou projetos de ensino híbrido. Por fim, foi ressaltada a importância de incorporar os trabalhadores (docentes e também gestores) da educação básica para as discussões sobre a utilização de metodologias ativas, fomentando a análise das experiências já existentes e a adequação de novas metodologias aos contextos específicos desse segmento alinhados com os pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

**Palavras-Chave:** Base Nacional Comum Curricular (BNCC); Educação Básica; Formação de professores; Metodologia Ativa.

**Abstract:** (*Active methodologies: origin, characteristics, potential, limitations and possible relationships*). The present work aims to present concepts, possibilities and limitations of the use of active methodologies in the teaching and learning process. Based on a descriptive methodology, it was proposed to answer the basic questions on the subject and also to present alternatives that can be suitable for different educational contexts, which can range from basic to higher education. The relationships between hybrid teaching and active methodologies were also discussed to highlight the need to adopt formative and reflective concepts of assessment consistent with the assumptions sometimes objectified with the use of active methodologies in practice or blended learning projects. Finally, the importance of incorporating basic education workers (teachers and managers) into discussions on the use of active methodologies was also highlighted, encouraging the analysis of existing experiences and the adaptation of new methodologies to the specific contexts of this aligned segment. with the assumptions of the Common National Curriculum Base.

**Keywords:** Common National Curriculum Base; Basic education; Teacher training; Active Methodology.

### 1. INTRODUÇÃO

Metodologias Ativas são um assunto muito comentado no meio educacional nestes últimos tempos. Grande parte da literatura produzida apresenta como consenso o fato de que a

<sup>1</sup> Universidade Federal de Lavras – UFLA, Lavras, MG, Brasil.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela UFLA. Email: alexandresilva@ufla.br.

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela UFLA. Email: sayonaracruz@ufla.br.

<sup>4</sup> Doutor em Educação, PUC-São Paulo. Email: ferreira@ufla.br.

<sup>5</sup> Especialista em Matemática e Estatística pela UFLA. Email: designer4.cead@ufla.br.

caracterização das metodologias como “ativas” se refere a práticas pedagógicas que buscam o engajamento dos estudantes e certa autonomia no processo de ensino e aprendizagem. Assim, os aprendizes ocupam o foco desse processo e tendem a superar as práticas pedagógicas por muito tempo privilegiadas nas escolas, que estão pautadas na transmissão passiva de conhecimento e têm o professor como centro do processo.

A temática trazida pelas metodologias ativas tem despertado o interesse dos educadores em entender do que se trata, como utilizar e quais os ganhos pedagógicos possíveis, entre outras questões. Por isso, neste texto procuramos responder algumas das dúvidas mais frequentes que educadores, principalmente da educação básica, possuem em relação às metodologias ativas.

As questões aqui relacionadas vêm de nossa experiência profissional e das possibilidades de diálogo com colegas educadores e vão desde questões mais básicas como as origens da temática, passam pelas suas potencialidades e as limitações de uso e vão até as formas de se avaliar o processo de construção do conhecimento a partir de sua utilização.

O presente artigo objetiva apresentar conceitos, possibilidades e limitações do uso de metodologias ativas nos processos de ensino e aprendizagem e, com base numa metodologia descritiva apresentamos os pressupostos, as características e as alternativas que podem ser adequadas a diferentes contextos educacionais, tanto da educação básica quanto do ensino superior. cremos que esta abordagem de perguntas e respostas pode motivar a leitura e aumentar o alcance da temática também entre educadores que, por vezes, não estão muito familiarizados com textos acadêmicos, facilitando a compreensão e incentivando o aprofundamento em questões mais específicas ligadas às Metodologias Ativas.

## **2. COMO SURTIRAM AS METODOLOGIAS ATIVAS?**

É importante destacar que a temática das metodologias ativas não se constitui em algo novo, pois, segundo Abreu (2009), o primeiro indício das metodologias ativas encontra-se na obra Emílio de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), tido como o primeiro tratado sobre filosofia e educação do mundo ocidental e na qual a experiência assume destaque em detrimento da teoria. Internacionalmente, autores como W. James, J. Dewey, A. Ferrière, entre outros, pesquisaram a respeito e propuseram alguns conceitos.

John Dewey, idealizador da aprendizagem pela ação ou o aprender fazendo, em seu texto citado por Gadotti (2001, p. 143) afirma “que a experiência concreta da vida se apresentava sempre diante de problemas que a educação poderia ajudar a resolver”. Com isso, é possível fazer uma

relação direta entre o contexto social em que as pessoas e a escola estão inseridas, com as experiências de vida das pessoas e com os conteúdos a serem abordados como balizadores de propostas de atividades ou problemas a serem estudados, pois com isso terão mais significado para os envolvidos.

Como afirma Araújo (2015), no Brasil os conceitos de metodologias ativas remetem à Escola Nova, de Fernando Azevedo e Anísio Teixeira, do início do século passado, tendo a realização de atividades como fundamento da construção pedagógica.

São muitas as definições sobre metodologias ativas e todas enfatizam o papel ativo exercido pelo aprendiz nas escolhas e ritmo do seu processo de aprendizagem, cabendo ao professor o papel de facilitador, orientador, consultor ou mediador desse processo, ou seja, modifica-se o protagonismo do professor como único responsável pelo processo de ensino e amplia-se o papel do aprendiz. Porém quando se lê que a utilização de metodologias ativas tem alterado o protagonismo do professor, cabendo a ele, a função de facilitador e orientador, pode transparecer que o seu papel não é mais tão importante, e isso é um grande erro, pois como afirmam Bacich e Moran (2018), o professor torna-se um gestor de caminhos coletivos e individuais, previsíveis e imprevisíveis, em uma construção aberta, criativa e empreendedora.

Sendo assim, torna-se muito mais desafiador mediar o processo de ensino e aprendizagem do que apenas transmitir conteúdos de forma unilateral para um aluno que tem como papel receber e processar passivamente informações, muitas vezes até mesmo descontextualizadas. Mediar, orientar ou facilitar este processo requer uma abertura ao novo, a novos questionamentos e a novas respostas. Mediar, orientar ou facilitar é problematizar, é buscar novas fontes de informação, é fugir de respostas rasas, é questionar o senso comum, é respeitar ritmos, mas também mostrar limites, questionar erros e dialogar muito.

Voltando na definição de metodologias ativas, destacamos a proposta por Berbel (2011), pois ela reforça a ideia de processo, ao afirmar que metodologias ativas se baseiam em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos. Esse processo envolve observação, análise, estudos, pesquisas, reflexão, formulação de hipóteses e tomada de decisões, visando entender ou solucionar algum problema.

Em diferentes momentos da história da educação surgiram propostas que buscavam superar as práticas baseadas exclusivamente na transmissão e reprodução de conhecimentos, adquirindo nomes e contornos diferentes, gerando novos conceitos e concepções metodológicas diversas. Por vezes, essas perspectivas de inovação pedagógica acabam por produzir soluções tecnicistas servindo muito mais a interesses mercadológicos do que didático-pedagógicos. Todavia, em relação às suas

origens, observamos que muitas das iniciativas de superar práticas simplesmente reprodutivas guardam características comuns relacionadas à busca por soluções para os problemas da educação. Isso não significa colocar as metodologias ativas como meras soluções ingênuas para a complexidade dos processos de ensinar e aprender, que envolve diferentes dimensões - social, cognitiva, afetiva, estruturais, condições de trabalho e muitas outras -, mas se trata de conhecer, caracterizar e problematizar formas de ensino e aprendizagem que se adequem às necessidades/exigências da atual sociedade informacional marcada principalmente pelo uso, compartilhamento e comunicação de informações.

Sendo assim, o conceito de metodologias ativas que compõem este trabalho está baseado na assertiva apresentada por Borges e Alencar (2014, p.120)

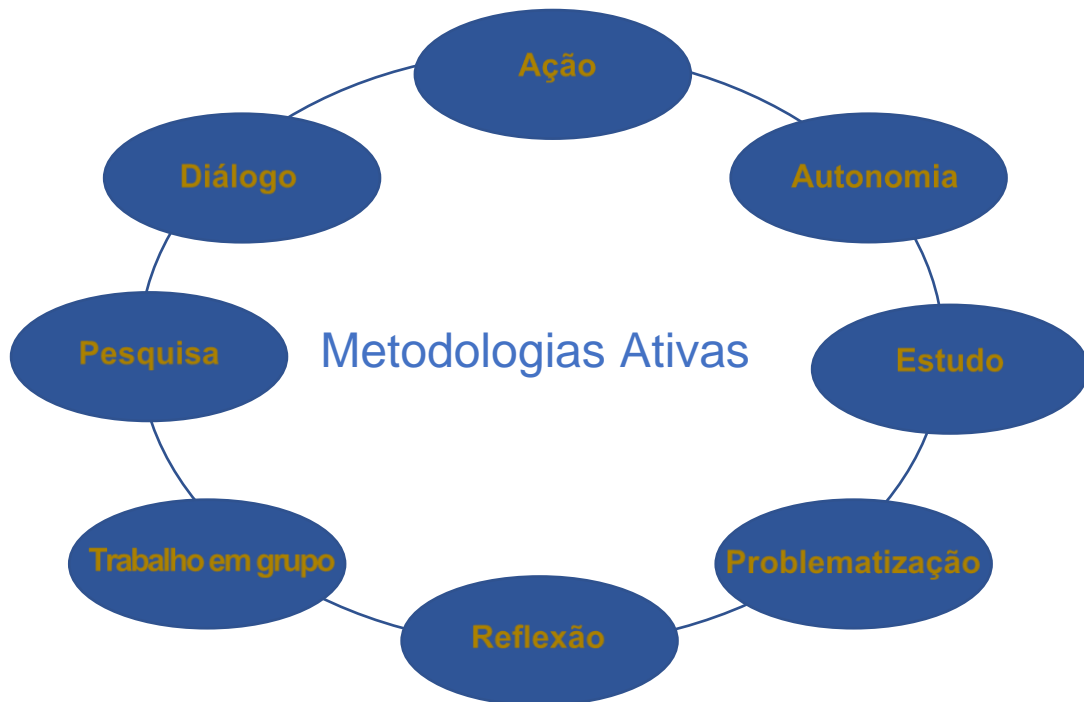
*Podemos entender Metodologias Ativas como formas de desenvolver o processo do aprender que os professores utilizam na busca de conduzir a formação crítica de futuros profissionais nas mais diversas áreas. A utilização dessas metodologias pode favorecer a autonomia do educando, despertando a curiosidade, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, advindos das atividades essenciais da prática social e em contextos do estudante.*

Dessa forma, inferimos que o uso de metodologias ativas deve ser fomentado desde os primeiros anos da educação básica para que os docentes desenvolvam novas perspectivas quanto às suas experiências educacionais, vislumbrando inúmeras possibilidades a serem aplicadas em sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento de autonomia, liderança, trabalho em equipe, oratória e criatividade.

Tornar os conteúdos e as atividades escolares mais atrativas, engajar, dar maior autonomia e ampliar o senso crítico dos estudantes são objetivos perseguidos pelos educadores e que podem ser alcançados de forma mais eficiente e eficaz com o uso de metodologias que dão ao aprendiz um papel mais ativo e é isso que será abordado no seguimento deste texto.

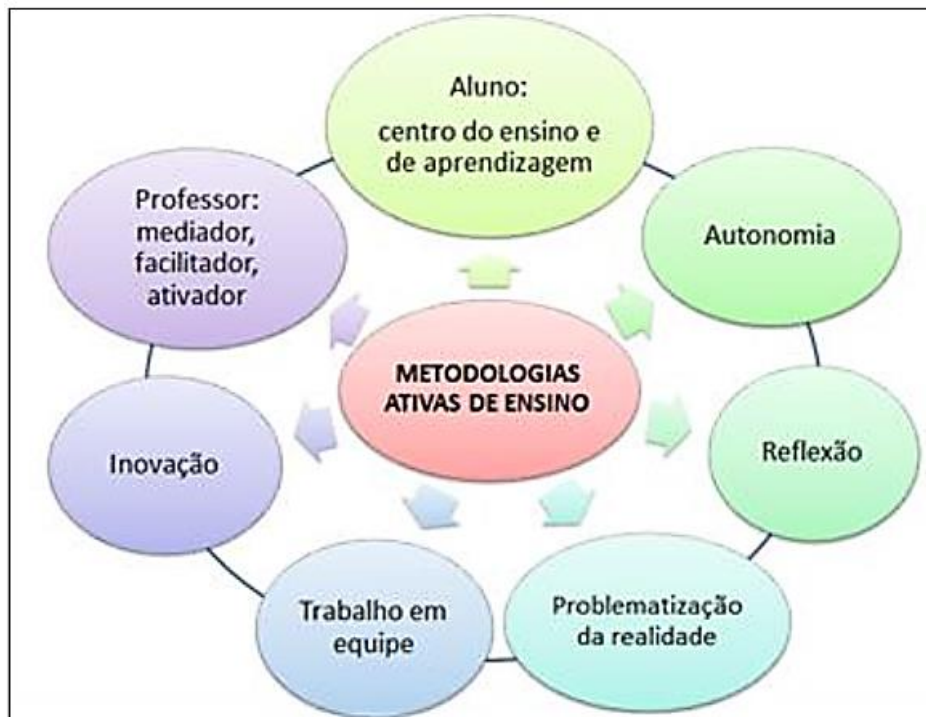
### **3. QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DAS METODOLOGIAS ATIVAS?**

De início cabe destacar que nem toda metodologia de ensino e aprendizagem se enquadra como ativa, portanto, é importante identificar algumas características que permitem que ela seja classificada como ativa, o esquema a seguir de Silva (2020), Figura 1, apresenta algumas características:



**Figura 1.** Características das Metodologias Ativas *Fonte: Silva (2020).*

Diesel, Santos Baldez e Neumann Martins (2017) apresentam um esquema com algumas outras características, como pode ser visto na Figura 2 que segue:



**Figura 2.** Características das Metodologias Ativas *Fonte: Diesel, Santos Baldez e Neumann Martins (2017).*

É importante afirmar que para se enquadrar como ativa cada metodologia não precisa apresentar todas estas características.

Perceba que as palavras Autonomia, Reflexão, Trabalho em grupo ou equipe e Problematização se repetiram nos dois esquemas, o que nos permite inferir que mesmo existindo muitas características diferentes, a questão da autonomia, da problematização e de momentos de reflexão são fundamentais na classificação da metodologia como ativa. Além disso, a autonomia vem em primeiro lugar, como acentua Berbel (2011), já que ela promove o engajamento do estudante em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, sendo condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro.

#### 4. QUAIS SÃO AS METODOLOGIAS ATIVAS?

Com certeza os educadores se perguntam quais metodologias se enquadram como ativas. Na tentativa de responder a essa pergunta, fazendo uma pesquisa na internet, pode-se constatar que existem várias listas que relacionam metodologias como ativas. Paiva *et al.* (2016) apresentam uma lista com 21 metodologias, como pode ser visto no Quadro 1, que segue:

**Quadro 1.** Lista de Metodologias Ativas

Aprendizagem baseada em problemas
Pedagogia da problematização
Problematização: Arco de Marguerez
Estudo de caso
Grupos refletivos e grupos interdisciplinares
Grupos de tutoria e grupos de facilitação
Exercícios em grupo
Seminários
Relato crítico de experiências
Mesas-redondas
Socialização
Plenárias
Exposições dialogadas
Debates temáticos
Leitura comentada
Oficinas
Apresentações de filmes
Apresentações musicais
Dramatizações
Dinâmicas lúdico-pedagógicas
Portfólio
Avaliação oral (autoavaliação, do grupo, dos professores e do ciclo)

*Fonte: Paiva et al. (2016).*



Esta lista retrata as metodologias conhecidas no momento pelo pesquisador e, analisando-a, é possível perceber a falta de algumas metodologias conhecidas e muito difundidas nos dias atuais. Citamos algumas no Quadro 2 que segue, trazidas do trabalho de (SILVA, 2020):

**Quadro 2.** Lista de Metodologias Ativas

Aprendizagem baseada em equipes
Aprendizagem baseada em projetos
Aprendizagem Maker
Aprendizagem por pares
Aprender ensinando
Design thinking
Educação socioemocional
Gamificação
Just-in-Time Teaching
Metodologias imersivas
Práticas STEM
Rotação por estações de trabalho
Técnica Jigsaw
World café

*Fonte: Silva (2020).*

Não se trata neste trabalho de se afirmar que as metodologias ativas são somente estas contidas nas duas listas, pois corre-se o risco de deixar de fora as que foram propostas mais recentemente e que ainda se encontram menos difundidas.

Ressaltamos que uma aula expositiva ou o uso de questionários, metodologias ditas tradicionais, podem ganhar novas abordagens passando a configurar-se como aprendizagem ativa permitindo que o estudante desenvolva sua autonomia, colaboração, solidariedade, empatia, crescimento pessoal e liberdade para aprender.

A exemplo disso citamos o “método Trezentos”, criado pelo professor Ricardo Fragelli (2015), para o enfrentamento do panorama de reprovações no ciclo básico de Engenharia na Universidade em que trabalha. Atualmente é utilizada em cursos como Fisioterapia, Psicologia, Medicina e Direito, também tendo um início promissor no Ensino Médio, com o objetivo de promover a colaboração entre os estudantes por meio de grupos que são formados de acordo com rendimento de cada um nas avaliações

Há muitas e diferentes descrições de cada uma das metodologias citadas e uma vasta literatura com reflexões teóricas conceituais e descrições das etapas de aplicação. Destacamos o trabalho de Silva (2020), que se caracteriza como um guia prático que possui o objetivo claro de

auxiliar os professores a utilizar metodologias ativas com o uso de tecnologias digitais. O guia, traz uma descrição sucinta das metodologias focando em exemplos de aplicação de algumas delas.

## 5. QUAIS AS POTENCIALIDADES DAS METODOLOGIAS ATIVAS?

São muitos os benefícios de se adotar as metodologias ativas, como o incentivo à tomada de decisões com reflexão dos possíveis resultados da mesma, o desenvolvimento de soluções criativas, o trabalho coletivo, a aplicação de conceitos estudados, o engajamento e a motivação dos estudantes. Porém, é fundamental que as metodologias adotadas sejam adequadas para atingir os objetivos propostos, já que é muito difícil aferir o sucesso na utilização de uma metodologia se não existe clareza no resultado que se pretende chegar.

Para que as metodologias ativas sejam efetivas é importante que o educador esteja preparado para modificar suas concepções de ensino e de aprendizagem, dando abertura para novas formas de interação com o conhecimento e também para soluções diferentes e inovadoras das atividades propostas pelos estudantes. Essa concepção, que se enquadra na perspectiva de um educador formador é defendida, por exemplo, por Freire (2014), seguindo na direção de uma prática educacional viva, alegre, afetiva, extremosa, com todo rigor científico e o domínio técnico necessários, mas sempre em busca da transformação.

Porém, o ponto de mudança que talvez mais difícil de ser assimilada pelo educador seja a consciência de que partes dos conteúdos sejam suficientes para resolver determinados problemas e que outras partes talvez não serão nem abordadas (SILVA, 2020). Acreditamos que essa seja uma tarefa difícil, pois recai sobre educadores a “responsabilidade” de abordar e cumprir todo o conteúdo programático, e sempre existe o receio de que qualquer lacuna traga prejuízos futuros aos estudantes.

## 6. QUAIS AS LIMITAÇÕES DAS METODOLOGIAS ATIVAS?

Ao falar das origens das metodologias ativas dissemos sobre a visão ingênua e simplista da temática quando tratada como proposta dita inovadora, mas descontextualizada e criada por especialistas em educação (PISCHETOLA e MIRANDA, 2019). Essas autoras questionam a forma como as metodologias ativas chegam aos meios educacionais, como “novos métodos” ou “receitas milagrosas” a serem replicadas, distanciadas da reflexão teórica e conceitual atrelada à dimensão da didática e da pesquisa em educação.



Nesta perspectiva as metodologias ativas se ligam a modismos e, geralmente, como consequência, não se institucionalizam nas práticas pedagógicas. Um grande limitador do uso de metodologias ativas fundamenta-se na ideia, amplamente difundida, de que elas são moldadas para atender as características da nova geração, chamados de geração Y, nativos digitais, que estariam aptos e ávidos por assumir o protagonismo das ações do processo de ensino e aprendizagem. Ações estas, que requerem autonomia, criatividade e uma grande disposição para interação entre pares. Ao realizar as primeiras experiências com as metodologias ativas professores relatam uma grande resistência dos estudantes frente às situações que pressupõem estudos prévios, pesquisa, interação e cooperação com o grupo, organização e apresentação de propostas e aplicação de conceitos para resolução de problemas práticos.

Concordamos com estudos que apontam a necessidade de diversificar as estratégias metodológicas oferecendo aos estudantes diferentes formas de acesso à informação, já que o mundo digital em que eles estão inseridos lhes oferece a todo momento tais perspectivas. Entretanto, as habilidades e competências essenciais a uma aprendizagem ativa precisam ser ensinadas, exercitadas e consolidadas gradativamente para que estejam aptos a construir conhecimentos de forma autônoma e utilizá-los para criar novas possibilidades.

Considerar que as metodologias ativas se adequam a todos os conteúdos e contextos é também um equívoco. Há conteúdos que precisam ser ensinados por meio da velha e boa aula expositiva, ou que requerem treinamento e repetição de etapas para que sejam apreendidos efetivamente. Assim sendo, o professor que tem o conhecimento do conteúdo a ser ensinado é que consegue delinear a metodologia que melhor atende aos seus objetivos de aprendizagem. A escola, ao exigir de forma indiscriminada e autoritária o uso de metodologias ativas, pode acabar se transformando num fator limitante ao invés de potencializador de aprendizagens.

Concordamos também com a necessidade de se repensar o papel dos professores e dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Ao contrário do que muito se difunde, nas metodologias ativas, o centro do processo não é o aluno, uma vez que ele é apenas um dos nós da rede, segundo Pischetola e Mira (2019). Dar maior ênfase ao aluno pode incorrer no risco de desconsiderar todo um ambiente complexo de interações.

Se considerarmos que o problema está em conceber o professor como o centro do processo de ensino e aprendizagem, a sua solução está longe de ser a de situar o aluno nesse mesmo lugar – como propõem algumas metodologias ativas. Não basta deslocá-los, professor e aluno, para alcançarmos a necessária mudança amplamente pregada pelos métodos inovadores (PISCHETOLA e MIRA, 2019, p.44)

Outro fator limitante se refere às estruturas físicas e curriculares rígidas das escolas que ainda são pautadas por uma perspectiva ancorada nas teorias do século passado. A introdução de metodologias que requerem a valorização de estudos anteriores aos eventos formais como a aula de cinquenta minutos, a interação em grupos, a experimentação, o acesso às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e as possibilidades de mudança na rota põem em questão: a organização curricular rígida, a forma como os espaços das salas de aulas se organizam, a forma como se faz a gestão e avaliação dos processos educativos. Ou seja, põe em questão a forma como fazemos educação formal e as concepções sobre ensinar e aprender no século XXI.

## **7. COMO AS METODOLOGIAS ATIVAS SE RELACIONAM COM O ENSINO HÍBRIDO?**

Primeiramente vamos deixar claro que quando falamos em ensino híbrido, falamos da convergência do ensino presencial com o ensino a distância, ou seja, é o uso de estratégias e recursos normalmente utilizados em cursos a distância em cursos presenciais. Com o ensino híbrido, é possível criar diferentes modelos, dependendo da tecnologia, metodologia e abordagem pedagógica adotada, sendo necessário o redesenho de cursos e, em alguns casos, uma redução do tempo destinado à sala de aula. (ABBAD, ZERBINI e SOUZA, 2010). Ash (2012) citando documento do *Innosight Institute* apresenta diferentes modelos de ensino híbrido:

- Rodízio: dentro de um determinado curso, disciplina ou tema, os estudantes giram, em um horário fixo ou a critério do professor, entre as modalidades de aprendizagem, sendo que uma delas é a aprendizagem on-line;
- Flex: conteúdo e ensino são trabalhados principalmente pela Internet e os estudantes trabalham em uma programação individual personalizada, flutuando entre as modalidades de aprendizagem;
- Auto-Blend: os estudantes escolhem uma ou mais disciplinas totalmente on-line para complementação de seus cursos presenciais;
- Enriquecimento Virtual: dentro de cada curso todos os estudantes da escola dividem seu tempo entre assistir aulas presenciais e aprender também por meio de atividades e aulas on-line.

Dentro destes diferentes modelos podem ser adotados diferentes tipos de metodologias, inclusive metodologias ativas, sendo necessário o conhecimento e o uso das TDICs no contexto

educacional. E o conhecimento destes recursos tecnológicos e das metodologias ativas tem um potencial de gerar novas situações de aprendizagem, de enriquecer o trabalho pedagógico do docente e de trazer um maior engajamento dos estudantes.

Por exemplo, com uso de aplicativos de votação em metodologias com a aprendizagem por pares, que deixam a atividade mais ágil, pois é possível obter gráficos de respostas, ranking e, isso traz mais motivação aos envolvidos. Sem este conhecimento, muitas vezes os educadores acabam transportando para meios digitais o que normalmente faziam presencialmente e nem sempre isso é o mais indicado e, sem dúvida, minimizam os resultados que poderiam ser alcançados. Então podemos afirmar que as TDIC na abordagem no ensino híbrido não só facilitam a aplicação de muitas metodologias ativas como abrem novas e diferentes oportunidades de interação, colaboração e construção de conhecimentos condizentes com os contextos culturais contemporâneos.

## 8. COMO AVALIAR UTILIZANDO METODOLOGIAS ATIVAS?

Quando tratamos de metodologias ativas, não podemos deixar de pensar novas formas de avaliação do processo de ensino e aprendizagem. As concepções e os instrumentos de avaliação têm sido questionados a partir de teóricos como Vasconcellos (2003) e Luckesi (2005) que apresentam um caráter processual, transformador e mediador num sentido de uma construção social.

Segundo Vasconcelos (2003) a avaliação deve provocar a reflexão crítica sobre a prática, no sentido de clarificar os avanços e as dificuldades e possibilitar revisão de etapas dentro um processo amplo. Mitre *et al.* (2008) ao desenvolver estudos sobre o uso de metodologias ativas em curso na área da saúde chama a atenção para o caráter formativo da avaliação, visando as reflexões coletivas na busca de respostas para os problemas encontrados sem estigmatizar e excluir.

Encontrar caminhos efetivos para que essas concepções teóricas se efetivem na prática não é uma tarefa simples. Muitas vezes as metodologias ativas são utilizadas no desenvolvimento dos conteúdos, mas ao final das etapas recorre-se às avaliações somativas, verificando apenas os conhecimentos memorizados ou acumulados relativos aos processos cognitivos, privilegiando a memorização e/ou reprodução de conceitos. Nesta perspectiva desconsidera-se as construções e reconstruções acontecidas durante o processo.

Na perspectiva formativa, instrumentos de acompanhamento do processo ensino-aprendizagem como relatórios, memorial reflexivo, diários e fóruns se mostram eficazes para demonstrar as aprendizagens de cada estudante e o alcance dos objetivos de aprendizagem. A

metodologia de autoavaliação complementa a avaliação do professor e permite que os estudantes reflitam sobre seu comprometimento diante do processo e com o grupo.

Para Piva Junior *et al.* (2018), com o uso de metodologias ativas o que se busca é a superação da cultura de “tirar boas notas” como garantia de eficiência na aprendizagem. Em lugar da nota para passar de ano, assume a importância o próprio conhecimento como construção pessoal e poder de interferência no mundo, e as possibilidades de rever os rumos e retomar caminhos em busca do seu total domínio e apropriação.

Todavia, muitos professores desistem de buscar essas alternativas considerando que, em geral, ministram aulas para turmas grandes e/ou muitos componentes curriculares ao mesmo tempo. Piva Junior *et al.* (2018) demonstram que a utilização de ferramentas tecnológicas facilita o acompanhamento profícuo dos conteúdos e conhecimentos aprendidos individualmente pelo estudante contribuindo para a mudança conceitual, cultural e processual da avaliação imprescindível ao adotar metodologias ativas de aprendizagem

Com isso, não queremos dizer que a avaliação somativa deve ser abolida, mas não é suficiente quando utilizada como único instrumento avaliativo ao final de um processo que pode ser rico e trazer subsídios, que juntamente com os dados quantitativos possam orientar a revisão e o aprimoramento das escolhas metodológicas para que novas práticas sejam construídas.

## 9. COMO INICIAR O TRABALHO USANDO METODOLOGIAS ATIVAS?

Segundo Freire (2014), ensinar exige rigorosidade metódica, nesse sentido ao propor atividades usando metodologias ativas requer um amplo processo de planejamento que vai desde as escolhas metodológicas, à elaboração e curadoria de materiais didáticos e trilhas de aprendizagem. Antes de fazer as escolhas é preciso considerar que ensinar exige também respeito aos saberes dos educandos, por isso deve-se começar por (re)conhecer os conhecimentos prévios dos alunos e suas expectativas em relação à aprendizagem dos conteúdos constantes da proposta.

Grande parte das estratégias de metodologias ativas tem como ponto de partida a problematização, ou seja, é apresentado um problema que precisa ser investigado, discutido e que motive os estudantes a buscar instrumentos e informações adequadas a sua resolução. Para Freire (2014) a ação de problematizar enfatiza a práxis, na qual o sujeito busca soluções para a realidade em que vive e o torna capaz de transformá-las pela sua própria ação, ao mesmo tempo em que se transforma.

Sendo assim, é importante que sejam elaboradas questões que não sejam explícitas e nem enigmáticas. O desafio é criar problematizações que permitam a investigação em várias etapas e que leve o estudante a assumir um papel cada vez mais ativo, descondicionando-se da atitude de mero receptor de conteúdo, buscando o desenvolvimento da curiosidade científica por meio de conhecimentos relevantes aos problemas e aos objetivos da aprendizagem. Isso requer uma atitude criadora, cooperativa responsável (MITRE *et al.*, 2008).

As escolhas, o planejamento e avaliação de atividades que envolvem metodologias ativas requerem saberes docentes que nem sempre são desenvolvidos na formação, apontando uma necessidade de formação constante e a busca por referenciais que ancorem tais escolhas. Muitos estudos têm encontrado suporte nas teorias da aprendizagem significativa com base em Ausubel (1978), Coll *et al.* (2000) e na pedagogia da autonomia de Freire (2004), conforme citado por Cruz e Silva (2020). Segundo os estudos dos autores citados a difusão de boas práticas e formação continuada por meio de oficinas práticas é essencial para que os professores possam dar conta dos desafios e atender as demandas que se colocam aos processos de ensino e aprendizagem.

## **10. AS METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA SÃO ADEQUADAS À EDUCAÇÃO BÁSICA?**

Atualmente o currículo da educação básica tem como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que normatiza e define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades deste segmento. De acordo com esse documento, a competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017).

Segundo o que se propõe na BNCC, o desenvolvimento da criança nesta etapa da educação é marcado por uma ampliação de suas relações, tanto no tocante a sua própria percepção, quanto suas relações com os outros e com o mundo que a cerca. Sendo assim, pressupõe um modo de organização pedagógica que requer atitude ativa na construção de conhecimentos (BRASIL, 2017). Esses fundamentos vão ao encontro dos pressupostos das metodologias ativas.

Destacamos que na educação básica, muitas são as experiências que já são realizadas, principalmente nas séries iniciais, e que privilegiam a ação ativa dos estudantes, porém muitas vezes não são nomeadas e quase nunca são relatadas na forma de pesquisa e produção acadêmica.

Apontamos a necessidade dos professores que atuam nesse nível educacional alevarem as experiências e discussões sobre as diferentes abordagens de metodologias ativas e fomentarem o registro e a divulgação de práticas já existentes.

## 11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apresentar conceitos, possibilidades e limitações do uso de metodologias ativas nos processos de ensino e aprendizagem. Nossa intenção foi fomentar a discussão e reflexão teórica e incentivar docentes a inserir em suas práticas, perspectivas de ensino e aprendizagem que priorizem a construção da autonomia, de modo a garantir a formação de sujeitos aptos a interagirem na sociedade atual.

Ao apresentar o conceito e as origens e listar as principais metodologias ativas buscamos contextualizá-las e caracterizá-las para desmistificar a ideia de que se tratam de inovações e modismos, mas sim de estratégias que já vêm sendo discutidas e utilizadas tendo em comum a busca pela superação da educação bancária.

Com base na literatura e em nossos conhecimentos empíricos advindos da atuação com a formação continuada de professores em diferentes níveis da educação apresentamos as potencialidades e as limitações do uso de metodologias ativas. Nesse intento, esperamos contribuir com a superação dos dualismos educacionais que dividem os educadores em contra ou a favor de determinados aportes conceituais e metodológicos, mas partindo da constatação consensual de que é preciso discutir metodologias de ensino e aprendizagem que se adequem as profundas transformações que despontam no mundo contemporâneo.

Discutimos as relações entre ensino híbrido e as metodologias ativas, e evidenciamos a necessidade de se adotar concepções formativas e reflexivas de avaliação condizentes com os pressupostos apresentados.

Ressaltamos a importância de trazer a educação básica para as discussões fomentando a análise das experiências já existente e a adequação de novas metodologias aos contextos específicos desse segmento alinhados com os pressupostos da BNCC.

Sem adentrar nas disputas teórico-conceituais, para além de responder às questões básicas aqui apresentadas, nosso intento foi o de convocar os educadores a contribuírem com o avanço das reflexões, visando vencer os dualismos educacionais que criam fossos pedagógicos e impedem o avanço da Educação. Para isso buscamos o caminho do diálogo que permite a eliminação de conflitos e potencializa a mudança. Diálogos necessários entre professores iniciantes e mais experientes,



diálogo entre velhas e novas práticas, entre docentes e discentes, entre ensino e pesquisa de modo a superar os atuais desafios e promover uma Educação de qualidade.

## 12. REFERÊNCIAS

ABBAD, G.S.; ZERBINI, T.; SOUZA, D.B.L. Panorama das pesquisas em educação a distância no Brasil. *Estudos de psicologia*, Natal: UFRN, v.15, n. 3, p. 291-298, 2010.

ABREU, J.R.P. **Contexto Atual do Ensino Médico: Metodologias Tradicionais e Ativas - Necessidades Pedagógicas dos Professores e da Estrutura das Escolas**. 2009, 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ARAÚJO, J.C. Fundamentos da metodologia de ensino ativa (1890-1931). *Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED*, 2015, Florianópolis. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt02-4216.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

ASH, K. Blended Learning Choices. *Education Week, Pensilvânia: Editorial Projects in Education*, v.32, n.9, out. 2012.

AUSUBEL, D. P. *Educational Psychology: A Cognitive View*. 2. ed. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1978.

BACICH, L.; MORAN, J.M (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BERBEL, N.A.N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Ciências Sociais e Humanas, Londrina*, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BORGES, T.S.; ALENCAR, G. **Metodologias Ativas na Promoção da Formação Crítica do Estudante: O Uso das Metodologias Ativas como Recurso Didático na Formação Crítica do Estudante do Ensino Superior**. Disponível em: <https://www.ea2.unicamp.br/mdocs-posts/metodologias-ativas-na-promocao-da-formacao-critica-do-estudante-o-uso-das-metodologias-ativas-como-recurso-didatico-na-formacao-critica-do-estudante-do-ensino-superior/>. Acesso em 29 maio 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

COLL, C.; POZO, J.I.; SARABIA, B.; VALLS, E. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CRUZ, S.R.M; SILVA, A.J.C. **Metodologias ativas no ensino superior no contexto de uso de tecnologias digitais: avaliando o percurso de formação em busca de novas rotas**. In: ALMEIDA, P.V./PAULA VIEIRA, M. S./AMORIM, M. F. (Orgs.). *Tecnologias digitais e formação docente*. Campinas, SP: Pontes, 2020, p.265 a 287.

DIESEL, A., SANTOS BALDEZ, A.L.; NEUMANN MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v.14 n.1, p.268-288. 2017.

FRAGELLI, R.R. Trezentos: Aprendizagem colaborativa como uma alternativa ao problema da ansiedade em provas. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde, Brasília**, v. 6, supl. 2, p. 860-872, abr. 2015.

FREIRE P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra; 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MITRE, S.M.; BATISTA R.S.; MENDONÇA J.M.G.; PINTO N.M.M.; MEIRELLES, C.A.B.; PORTO, C.P.; MOREIRA, T.; HOFFMANN, L.M.A. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na educação em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13 supl. 2, p.2133-2144, 2008.

PAIVA, M.R.F.; PARENTE, J.R.F.; BRANDÃO, I.R. QUEIROZ, A.H.B. Metodologias ativas de ensino aprendizagem: revisão integrativa. **Sanare: Revista de Políticas Públicas, Sobral**, v. 15, n. 2, p.145-153, jun./dez. 2016.

PISCHETOLA, M.; MIRA, L.V.T. Metodologias ativas: uma solução simples para um problema complexo? **Revista educação e cultura contemporânea**, v. 16, n. 43, p. 30-56, 2019.

PIVA JR., D.; CORTELAZZO, A.L.; FREITAS, F.A.; RODRIGUES, M.R.J.B. Operacionalização das Metodologias Ativas Pela Utilização Intensiva de Tecnologias e Avaliações Formativas. **Anais do 24º Congresso Internacional ABED Educação a Distância**, Florianópolis, SC, 2018.

SILVA, A.J.C. **Guia prático de metodologias ativas com uso de tecnologias digitais da informação e comunicação**. Lavras: Editora UFLA, 2020. 69p. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/42956>

VASCONCELLOS, C.S. **Avaliação da Aprendizagem - Práticas de Mudança: por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 2003.